

SCIENTIA ANTIQUITATIS



Título: **SCIENTIA ANTIQUITATIS**

Editores: Leonor Rocha/ Gertrudes Branco/ Ivo Santos

Local de Edição: Évora (Portugal)

Data de Edição: dezembro de 2021

Volume: 2021

Capa: Estela do Rebolo (©Jorge de Oliveira)

Diretor: Leonor Rocha

ISSN: 2184-1160

Contactos e envio de originais: Leonor Rocha/ lrocha@uevora.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

Índice

ESTELAS MEGALÍTICAS NO TERRITÓRIO DO TEJO. A ESTELA DO REBOLO, ARRONCHES (PORTUGAL)	4
O ABRIGO DO NINHO DO BUFO - O PAINEL DA PARTURIENTE E O SEU CONTEXTO (MARVÃO – PORTUGAL)	24
ARA ROMANA DO MONTE DO CLEMENTE (ASSUMAR, MONFORTE) – <i>CONVENTVS PACENSIS</i>	52
APLICAÇÃO DE TÉCNICAS GEOFÍSICAS NÃO INVASIVAS À PROSPEÇÃO DE SÍTIOS PRÉ-HISTÓRICOS DO ALENTEJO: 3 CASOS DE ESTUDO	65

ESTELAS MEGALÍTICAS NO TERRITÓRIO DO TEJO. A ESTELA DO REBOLO,
ARRONCHES (PORTUGAL)
ESTELAS MEGALÍTICAS EN EL TERRITORIO DEL TAJO. LA ESTELA DE
REBOLO, ARRONCHES (PORTUGAL)

Primitiva Bueno Ramírez¹,
Leonor Rocha²,
Jorge de Oliveira³

Resumo:

No decurso do ano de 2021 foi recolhida mais uma estela decorada no Norte-Alentejo, mais precisamente no Monte do Rebolo, que se situa na freguesia de Mosteiros, concelho de Arronches. A peça, de singular valor patrimonial foi encontrada pelo proprietário da herdade que, ao proceder a trabalhos agrícolas na “folha” que se situa a cerca de 700 metros para Noroeste das casas do monte, levantou uma pesada “pedra”, a pouca profundidade, com a charrua. Reconhecendo de imediato o valor da sua descoberta arqueológica e para evitar que se perdesse na terra lavrada transportou-a para a frente do monte onde a pudemos observar e fotografar e aqui deixamos a primeira notícia da sua identificação.

Palavras-Chave: Estela; Rebolo; Arronches; Portugal

Resumen:

Durante 2021, se recogió otra estela decorada en el norte del Alentejo, más precisamente en el Monte do Rebolo, que se encuentra en la parroquia de Mosteiros, en el municipio de Arronches. La pieza, de valor patrimonial único, fue encontrada por el propietario de la finca quien, mientras realizaba labores agrícolas en la "hoja" que se encuentra a unos 700 metros al noroeste de las casas del cerro, levantó una pesada "piedra" a poca profundidad, con el arado. Reconociendo de inmediato el valor de su descubrimiento arqueológico y para no perderse en la tierra arada, fue transportado al frente del cerro donde pudimos observarlo y fotografiarlo, y aquí dejamos la primera nota de su identificación.

Palabras Clave: Estela; Rebolo; Arronches; Portugal

¹ Área de Prehistoria. Universidade de Alcalá. Orcid: 0000-0001-8958-8928.

² Docente Universidade de Évora/ Departamento de História. Investigadora CEAACP/ UALg - UIBD/ ARQ/ 0281/ 2021 – FCT. Orcid: 0000-0003-0555-0960

³ Docente Universidade de Évora/ Departamento de História. Investigador CHAIA. Orcid: 0000-0001-6297-1273

Introdução

O Sudoeste ibérico, e de forma mais concreta a zona envolvente do Tejo é referido desde as investigações de H. Breuil (1933-1935), como o território com o maior número de estelas em pedra associadas a megálitos. A sua proposta de relacionar as estelas do Crato e da Esperança com os monumentos megalíticos da área envolvente da Serra de S. Mamede, foram desconsideradas pela investigação pós-guerra civil espanhola. Em particular, o trabalho de Almagro Basch (1966), primeiro, e o de Almagro Gorbea (1977) algum tempo depois, remeteram-nas para o bronze avançado e para a proto-história, perspectiva assumida por parte da investigação centrada nas estelas do Sudoeste. Ainda que nenhuma destas peças, Crato e Esperança, correspondam aos parâmetros continuamente reiterados das peças que caracterizam as da proto-história, pouco muda na sua interpretação até finais do século XX.

O estudo direto das produções gráficas associadas ao ritual megalítico permitiu-nos argumentar a sua associação com os dólmenes, especialmente com base nos anteriormente citados casos das estelas do Crato e da Esperança, já referidos por Breuil. Para além de que, também as documentadas no início do século XX noutras áreas da P. Ibérica, estão associadas aos monumentos megalíticos de Moncorvo, Quinta da Counquinho e Serra Boulhosa (Breuil, 1917; Vasconcelos, 1910, 1911). Relacionamos estas peças com algumas das representações em abrigos rupestres como o “el Buraco”, em Santiago de Alcântara (Bueno Ramírez *et al.* 2006) e com a iconografia de uma parte das placas decoradas (Barroso Bermejo, 2020; Bueno Ramírez, 1990, 1992, 2010, 2020, 2021).

A continuidade da investigação permitiu estabelecer uma ampla cronologia para estas estelas, associadas aos dólmenes na sua origem (Bueno Ramírez *et al.* 2016), apresentando um notável desenvolvimento no IIIº milénio a. C. em direta associação com os pequenos túmulos que integram câmaras em pedra, por vezes, verdadeiras cistas (Bueno Ramírez *et al.* 2004, 2012; Bueno Ramírez, Balbín Behrmann, 1991, 1997; Bueno Ramírez, Gonzalez Cordero, 1995). Os dados para estabelecer a sua ascensão, colocando-as ainda no IVº milénio a. C. e, o posterior desenvolvimento das estelas do centro-oeste, no IIIº milénio a.C., em relação com o período megalítico, aumentaram significativamente desde os anos 90 do séc. XX. Esta hipótese tem vindo a adquirir mais referências contextuais, com um inventário crescente que consolida a proposta de datação para a fase mais difundida, durante o IIIº milénio a. C., altura em que também

foram documentados alinhamentos com peças decoradas (Bueno Ramírez *et al.* 2007, 2011, 2019; Cruz, Santos, 2011; Sanches *et al.* 2021).

Os primeiros trabalhos registaram os núcleos das Serras de Hurdes e Gata, que ainda na atualidade continuam a manter uma boa parte dos exemplares conhecidos (Bueno Ramírez, 1990). O seu estilo é percebido na forma de representar os adornos e os trajes das personagens: colares, diademas ou mesmo penteados, cinturões, braços e mãos e, nalguns casos, a parte inferior do corpo com a representação muito esquemática de pernas e pés. Grande parte dos exemplares concentram-se entre o Tejo e o Douro (Bueno Ramírez *et al.* 2011; 2019), alguns recentemente documentados (Cardoso, 2011) e outros ainda em estudo. A expansão dos registos situa algumas peças também entre o Guadiana e o Guadalquivir e, entre o Douro e o Minho, sugerindo uma extensão maior como sucede com outras versões identitárias das representações humanas da Pré-História recente (Bueno Ramírez, Soler Diaz, 2021). Parece assim evidente, no estado atual do nosso conhecimento, dever manter-se a sua vinculação geográfica e territorial ao sudoeste ibérico e a sua expansão, por via das relações destes grupos humanos, com outras áreas da Península Ibérica (Bueno Ramírez *et al.* 2010).

A estela do Rebolo, vem somar mais um exemplar a este conjunto, reunindo três aspetos de grande interesse: a sua excelente conservação, a sua provável reutilização e a sua nítida associação a um povoado com materiais genericamente calcolíticos.

Este estudo tem como objetivo oferecer uma primeira abordagem da peça e revelar o seu valor patrimonial e o seu significado como marco da historiografia regional, na qual a zona de Arronches se constitui como uma assinalável referência simbólica do megalitismo centro-ocidental: dólmenes, pinturas rupestres e estelas. Crato, Esperança e Rebolo, consolidam, ao nível das ligações destas serras, a transcendência do seu rico património arqueológico.

Breve referência da descoberta

Como infelizmente acontece a uma significativa percentagem de estelas, também esta resultou duma descoberta fortuita. O Sr. António Oliveira, proprietário do Monte do Rebolo que se situa na freguesia de Mosteiros, concelho de Arronches, ao proceder a trabalhos agrícolas na “folha” que se localiza a cerca de 700 metros para Noroeste das casas do monte, a charrua levantou uma pesada “pedra”, a pouca

profundidade, que apresentava ter desenhada uma “cara”. Rapidamente se apercebeu da importância da sua descoberta arqueológica e, para evitar que se perdesse na terra lavrada, transportou-a para a frente do monte, onde a pudemos observar e fotografar.

Logo após a sua identificação, a peça foi divulgada pelos seus descobridores nas redes sociais. Utilizando uma dessas fotografias públicas no dia 16 de outubro de 2021, no Colóquio de encerramento da exposição “Ídolos- olhares milenares”, no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses, no âmbito da comunicação que apresentámos (J.O.) sobre a arte rupestre da Serra de S. Mamede e a sua ligação com os ídolos-placa tivemos o ensejo de apresentar, à comunidade científica, esta magnífica estela. De imediato o Sr. Diretor do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. António Carvalho, presente na sessão, solicitou a nossa intervenção para que promovêssemos a identificação, recuperação e estudo desta peça de inegável valor patrimonial, proposta que aceitámos. Realizadas as primeiras diligências com os proprietários (e seus descobridores) que prontamente nos facilitaram o acesso ao monumento e que se disponibilizaram, desde o primeiro contacto, a prestar toda a colaboração, damos agora já breve notícia ficando o seu estudo mais detalhado e comparativo para outra publicação que os signatários irão realizar.

Depois de fotografada e documentada a Estela do Rebolo, acompanhados pela proprietária do Monte, Dona Maria Oliveira, procedemos a uma prospeção sumária da “folha” recentemente semeada, para identificação de eventuais contextos arqueológicos que ainda ali subsistissem e que se pudessem ajudar contextualizar crono-culturalmente o monumento que agora noticiamos.

A área é topograficamente uma colina pouco elevada, aberta, entre as duas linhas de água anteriormente referidas. No local onde foi encontrada a estela existem algumas pedras alongadas, de pequena dimensão que poderão corresponder a uma estrutura destruída. Contudo, na área a sudoeste, a cerca de 50 m identificou-se um conjunto de materiais que indiciam a existência de um núcleo de povoamento neste local (percutores de quartzo, seixos talhados, moventes, fragmentos de mós de sela e alguns fragmentos de cerâmica manual – mas nenhum bordo) que parece estender-se da cota mais elevada, onde existem alguns afloramentos à superfície, para sudoeste, ou seja, para a confluência das duas linhas de água. Nesta área foi também possível observar a existência de pedras miúdas e algumas lajes que podem indicar a existência de estruturas.

Poderemos levantar a hipótese de que alguns dos testemunhos líticos identificados, na área onde se recolheu esta estela, tenham pertencido a uma estrutura funerária construída com pequenos esteios/lajes. Esta hipótese concorda com a estrutura megalítica em xisto detetada há alguns anos nos inquéritos de J. Oliveira, entretanto destruída (ou pelo menos não se conseguiu identificar). Embora não seja possível poder afirmar-se com segurança, a possibilidade da existência dessa estrutura funerária revela-se, contudo, de grande interesse dada a sua associação direta a evidências dum povoado, provavelmente calcolítico.



Figura 1: Localização da estela do Rebole no território megalítico de Arronches, Portugal. Acima foto do local de aparecimento. Imagem da estela *in situ*.

O território próximo, médio e distante

O Monte do Rebolo, com uma cota de 330m situa-se na margem esquerda do Ribeiro do Rebolo, tributária da Ribeira do Caia, donde se obtém uma ampla visibilidade da área envolvente. A estela agora em estudo foi, contudo, identificada noutra parcela terreno (folha) deste monte já entre o Ribeiro do Rebolo e a Ribeira do Almo, a uma cota de 316m, portanto em terrenos de baixa ligeiramente mais baixos. O local onde foi recolhida a estela possui as seguintes coordenadas obtidas *in situ* por GPS (WGS84) M: 275249,40/ P: 242889,90.

Zona de abundância de água, recordemos que a uma centena de metros para nascente do local da descoberta se situa o poço, com nora, que abastece ainda hoje as casas do monte. O topónimo “Rebolo” que denomina a ribeira e o monte significa localmente, pedra rebolada, isto é, calhau rolado, maioritariamente de quartzito, que abunda nas margens da Ribeira do Caia e suas tributárias.

O Monte do Rebolo, estrutura rural centenária, enquadra-se num contexto com abundante presença de testemunhos pré e proto-históricos. Dista 3500 metros para nordeste da Vila de Arronches, rodeada pela Ribeira do Caia onde nas suas margens, desde 1916, são referidos abundantes artefactos paleolíticos. A cerca de 2000 metros para norte encontram-se as duas antas da Nave Fria e, sobranceira a estas, a grande colina encimada pelo templo do Rei Santo (Oliveira, Oliveira, 2008; Moitas *et al*, 2011). Este templo é ladeado, a poente, por um povoado com presença de materiais atribuíveis ao Neolítico final e ao Calcolítico e, a uma centena de metros para nascente, identificam-se estruturas provavelmente relacionadas com alguma atalaia medieval que terá sido sacrificada para a reconstrução do templo no século XVI. Em torno das estruturas da provável atalaia reconhecem-se cerâmicas atribuíveis à Idade do Ferro. A edificação religiosa do Rei Santo, de grande devoção regional, assenta numa antiga “quibla”, à qual se anexaram outras estruturas em fases posteriores (Oliveira, Oliveira, 2015).

A linha de cumeeada onde se implanta o templo do Rei Santo distende-se para sudeste em direção à aldeia da Esperança. A meio caminho e a escassos 3000 metros do Monte do Rebolo, na denominada Serra da Cabaça, ou do Cavaleiro, em plena linha de vista, abre-se o Abrigo Pinho Monteiro, profusamente decorado com arte esquemática, mas, igualmente, com ocupações que remontam ao Epipaleolítico e se estendem, documentalmente, ao tempo da Reconquista Cristã (Oliveira, 2016).

Esta linha de cumeada, encimada por afloramentos quartzíticos permite, em alguns pontos, passagens através de estreitos vales, como é o caso da depressão onde se implantou a aldeia da Esperança, também ela construída em torno de outra “quibla”, igualmente cristianizada, mediando a transição entre a Serra da Cabaça e a Serra dos Louções (Oliveira, Oliveira, 2008; Oliveira *et al.* 2016).

Pelo caminho velho, que percorre a Serra dos Louções, pelo lado sul, fazendo a ligação entre a Aldeia da Esperança e o Monte do Vale de Junco em direção aos abrigos pintados de Igreja dos Mouros, Louções e Gaivões (e outros, entretanto descobertos), encimados pelo povoado da Idade do Ferro dos Louções, identificou o abade H. Breuil, no decurso da sua primeira e atribulada visita a este local, em 1914, a muito divulgada Estela da Esperança, já acompanhado por Leite de Vasconcelos (Breuil, 1917). Dista o provável local de descoberta da Estela da Esperança, em linha reta e visível do local da identificação da estela do Monte do Rebolo, cerca de 4700 metros (Oliveira, Oliveira 2015a). O trabalho contínuo de documentação nestes abrigos decorados forneceu estratigrafias, datações de C14 e o estudo das imagens neles destacadas (Castro, Ferreira, 1961; Moitas *et al.* 2011; Nuevo *et al.* 2010; Oliveira 2016, 2020, 2021; Oliveira *et al.* 2012), contribuindo para um conhecimento invulgar dos contextos da arte esquemática no Sudoeste (fig. 2).

Mas o Monte do Rebolo, situa-se, igualmente, a cerca de 1500 metros para norte do Menhir de Santo Ildefonso, provavelmente fraturado, implantado em local que integra atualmente uma linha de divisão de propriedade, a cerca de 10 metros à direita da estrada que liga Arronches à aldeia da Esperança (Oliveira, 2016).

Num território mais vasto, as estelas de Valência de Alcântara e Millarón, juntam-se às de Alcântara e à de Zebros, em território português, num conjunto relacionado com as ancestrais canadas (caminhos de transumância) que conduzem à Serra de Gata. Neste contexto territorial têm-se vindo a identificar, nos últimos anos, novos exemplares, alguns deles ainda em fase de estudo, mas, todos eles relacionados com pequenos monumentos de pedra.

Um pouco mais para norte, as estelas de Castelo Branco evidenciam os sinais das reutilizações neste tipo de peças, revelando que as estelas I e III são o resultado final de diversas transformações, cujo aspeto inicial seria como a que agora aqui noticiamos. Peças com colares, braços e mãos, cinturões e adornos na cabeça,

integrando-se na serie que denominamos “Hurdes-Gata” ou estelas centro-ocidentais (Bueno Ramírez, 1995; Bueno Ramírez *et al.* 2011, 2019).



Figura 2: Abrigos pintados em Arronches: Abrigo da Igreja dos Mouros, abrigos dos Louções (interior), vista do abrigo de Pinho Monteiro em direção à zona da estela de Rebolo.

Este território interior define uma franja associada o sopé dos sistemas montanhosos que envolvem as bacias do Tejo e do Douro, com alguns exemplares um pouco mais para sul, sendo os mais singulares em Sevilha (Oliva, 1983) e Huelva (Rivera *et al.* 2021). Existem, ainda algumas evidências mais a norte (Carvalho *et al.* 1999; Cruz, Santos, 2011; Silva, 2000), que poderão demonstrar uma dispersão mais alargada do

que inicialmente se supunha, confirmando a riqueza das ligações entre grupos bem enraizados num núcleo mais compacto: o de Hurdes-Gata.

A estela do Rebolo. Morfologia, matéria prima, técnica e temática da representação

A estela de Rebolo responde aos modelos bem conhecidos no conjunto de estelas do centro-oeste (Bueno Ramirez et al. 2011). A maioria estão representadas em suportes de quartzito, reproduzindo aqueles que são mais comuns, obtidas em seixos rolados, que se colocavam nas áreas envolventes dos sepulcros megalíticos (Bueno Ramírez et al. 2007, 2008) (fig. 3). Esta relação torna-se mais evidente quando alguns destes seixos são maiores, como nas peças da Quinta do Counquinho ou do Arrocerezo (vide fig. 4).



Figura 3: Anverso, reverso e lado da estela de Rebolo estela de Rebolo.

As peças obtidas em calhaus rolados revelam uma clara seleção de formas naturais que sugerem figuras humanas. Estes seixos terão sido recolhidos nas margens dos rios e ribeiros que correm nas imediações dos sepulcros e dos povoados. As dimensões destes calhaus rolados variam entre os 30 cm e os 120 cm. Nalguns casos os seixos-rolados são substituídos por outros materiais, como o caso da peça de

Salvatierra de Santiago, obtida em granito, que se conserva no Museu de Cáceres (González Cordero, Alvarado Gonzalo, 1986).

Outra parte destas estelas apresentam-se em suportes de secção retangular, igualmente em quartzito, contudo mais trabalhadas na sua delimitação externa, seja ela em toda a sua dimensão, como a que agora divulgamos, seja apenas trabalhada em certas zonas. Um bom exemplo da variedade de seleção e de trabalho da sua composição geral é a que ocorre na necrópole de Hernán Pérez, cujo repertório vai das opções mais simples, sem trabalho, às mais elaboradas, como a peça VI (Bueno Ramírez, 1987, 1990, 1995).

A estela de Rebolo está trabalhada em todo o seu contorno e apresenta uma grossa secção retangular, em que nalguns locais, tal como no anverso se observam as evidências do seu talhe. Tratar-se-ia, portanto de uma estela intencionalmente tridimensional do qual apenas se preservou a parte trabalhada dum terço do total. Este recurso é conhecido em outras estelas da mesma série em que as do Crato, Granja de Toniñuelo ou a primeira fase de São Martinho I, são bons exemplos (Bueno Ramírez *et al.* 2019; fig. 8).

Esta peça torna-se ainda mais singular por evidenciar que o seu suporte está talhado no seu contorno, com perfil antropomórfico, delimitando-se a cabeça do resto do corpo a partir dum expressivo estrangulamento que acompanha o início dos colares e se ajusta, no final do adorno, que levava sobre a cabeça. Esta disposição assemelha-se às estelas de Robledillo de Gata (Sevillano San José, 1974) e sobretudo à de Riomalo (Cuadrado, 1974), que também apresenta bem definido o contorno da cabeça, do resto do corpo (fig. 4).

Do ponto de vista formal, esta estela encontra paralelos nos exemplares que representam o terço superior do corpo, até ao cinturão, como é a sua maioria. Contudo, o recorte inferior, evidentemente antigo, permite supor um reaproveitamento de uma peça maior, como é o caso também das estelas identificadas bem próximas, as do Crato e a da Esperança. Uma associada a um contexto megalítico e a outra, relacionada com um povoado Calcolítico, embora evidenciando uma clara reutilização.

Esta hipótese assenta na observação de linhas visíveis sob a decoração obtida pela incisão mais profunda e reconhecível que representa um personagem com diadema ou adorno na zona superior do manto que cobriria a cabeça, colar, braços, mãos e cinturão. Existe, para além disso, dois tipos de gravações que confirmam a

hipótese de reutilização. Na zona inferior observa-se uma abrasão que dificulta a visibilidade do braço e mão direita do personagem enquanto que, na parte lateral esquerda é muito evidente um piquetado bastante contínuo. Portanto, gravuras mais sutis sob o mais visível, abrasão e piquetado como recursos à sua *damnatio*, para além da provável fratura intencional da estela, justificam a existência de uma fase anterior que teremos que caracterizar com um estudo mais detalhado, num futuro próximo.

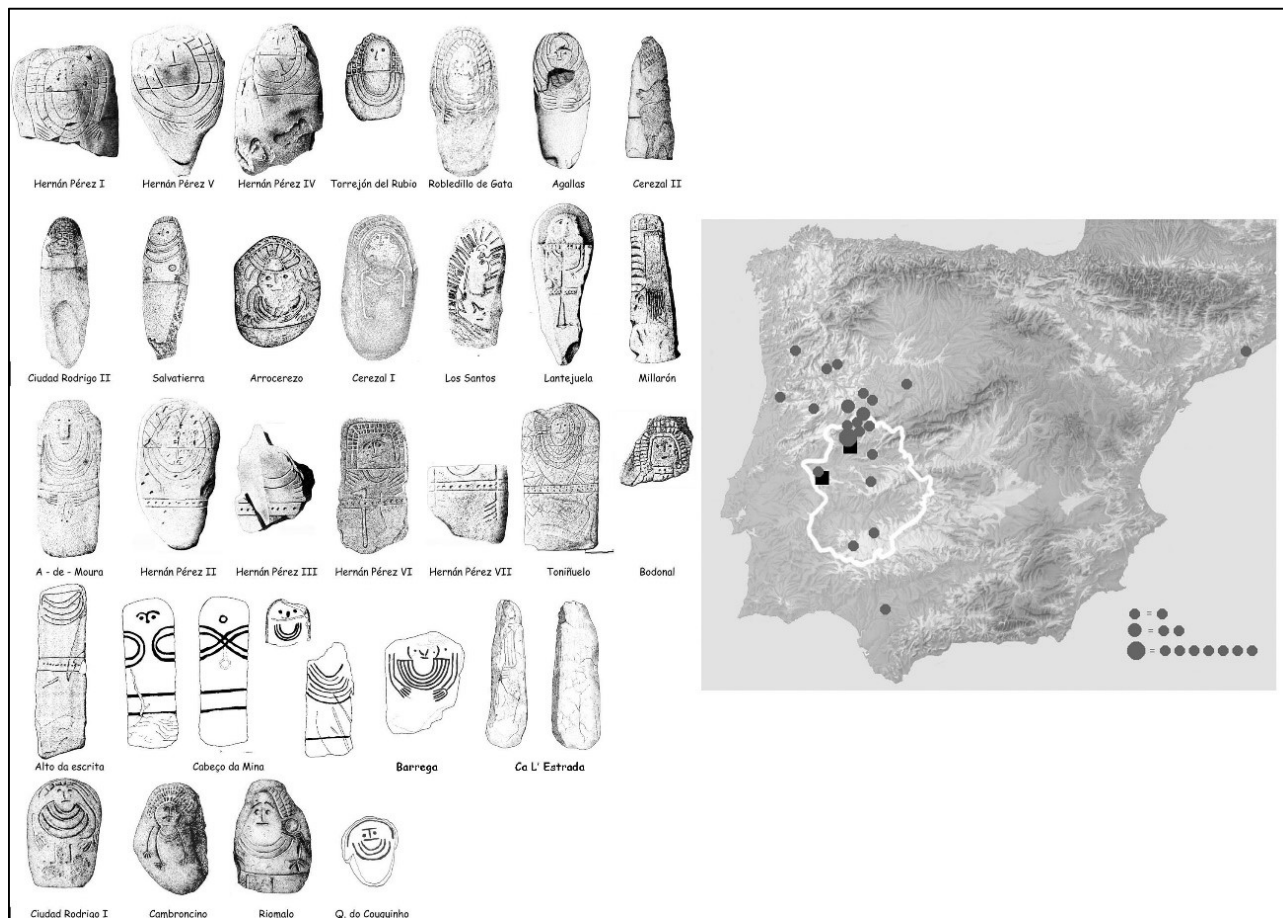


Figura 4: Estelas de centro oeste, segundo Bueno Ramírez et al. 2011. Os pontos indicam a sua localização e os quadrados mostram as necrópoles onde aparecem com estelas da Idade do Bronze Final.

A estela do Crato, em granito, está totalmente trabalhada em todas as faces, apresentando volumes que permitem diferenciar a cara do anverso e do reverso. Ainda que em estudo, a do Rebolo parece estabelecer um programa orientado para destacar o seu volume, na parte inferior do anverso. Em ambas, reconhece-se a existência de mais do que duas covinhas na cara, de forma que a representação dos olhos, de ambos

os lados do nariz, se une a mais um outro círculo. Na do Crato isto observa-se especialmente sobre o olho direito e na, do Rebolo, em situação idêntica.

A estela da Esperança assemelha-se na sua secção retangular e na inexistência de trabalho no reverso. O adorno da sua cabeça é mais fino, reproduzindo linhas semicirculares incisas acompanhadas de pequenas covinhas polidas na fase interior de forma muito idêntica à parte superior da recentemente documentada em Zebros, igualmente próxima do Tejo. Olhos e nariz dispõem-se da mesma forma que no resto das estelas da zona de Arronches, contendo mais algumas covinhas, uma multiplicação que pode começar a considerar-se como uma tendência de trabalho decorativo da zona (fig. 5).

A linha horizontal que separa os olhos e o nariz dos colares é mais estreita na do Rebolo do que na do Crato, ou na da Esperança, contudo, a forma de unir a face ao pescoço é muito similar. Quando estas distâncias são pequenas, há uma forte tendência para representá-las como uma forma de círculo duplo, mais largo na zona superior e menor em baixo, propondo delimitações de faces com um certo desenvolvimento oval como as de Hernán Pérez I, IV e V, Torrejón el Rubio ou Granja de Toniñuelo. Será igualmente comparável um comum duplo meio oval, cujo exemplo mais conhecido é o da estela de Borregas (Sampaio, 2007). É claro que desta forma se está a representar a união dos colares na parte traseira do vestido que estes personagens ostentariam.

Os colares costumam ser múltiplos. Na do Crato, existiriam pelo menos três, atendendo a que o resto da peça se perdeu. Na da Esperança não se conservou nenhum, já que a peça está fraturada na sua parte superior. Na do Rebolo, observam-se cinco colares com a particularidade de que a incisão profunda lhe confere um aspeto de baixo relevo que lembra a técnica utilizada para os colares, mais pormenorizados de algumas das estelas do cromeleque dos Almendres (Cerrillo et al. 2019).



Figura 5: Estelas da Esperança e do Crato. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa. Fotos R. de Balbín Behrmann

Personagens vestidos associados à morte

A representação de corpos humanos ao longo da pré-história europeia constitui um renovado âmbito de estudo (Bueno Ramírez, 2020, 2021; Bueno Ramírez *et al.* 2005; Robb, 2009). A Península Ibérica regista um inventário único destas evidências quer pela sua quantidade, quer pela variedade de suportes (rochas, abrigos, megálitos, estelas ou menhires) e, sobretudo, pela possibilidade que oferece em documentar estilos identitários. Relacionar os recursos tanto técnicos como temáticos desta variedade de representações humanas que se realizaram entre o VIº e os finais do IIIº milénio a.C., é uma tarefa que cada vez mais dispõe de referências arqueológicas (Barroso, 2020; Bueno Ramírez 1992, 2010, 2020; Bueno Ramírez *et al.* 2018).

A sua proximidade técnica e temática à estela Crato devido à sua secção e trabalho lateral, à da Granja de Toniñuelo devido à posição dos seus braços em relação ao cinto, partilhando também a gravura da sua secção, e à do Riomalo com os seus lados esculpidos, para além de outras referências que detalhamos neste texto, coloca este espécime entre os mais típicos da estela centro-oeste. Associadas aos megálitos antigos e recentes, a concentração em torno da Serra de São Mamede, no município de Arronches, é reforçada por este novo achado, confirmando a riqueza do património megalítico deste sector. Nos últimos anos, trabalhos realizados de ambos os lados da fronteira promoveram o estudo das estelas deste tipo, levantando a hipótese da existência de um núcleo muito forte nas Serras de Gata e Hurdes com extensão entre o Tejo e o Douro, que teve como referência simbólica as representações em seixos rolados, nas zonas externas dos megálitos, e os recursos gráficos documentados nas placas decoradas, associadas ao megalitismo alentejano (Barroso, 2020; Bueno Ramírez *et al.* 2005, 2010, 2011). O impacto destas fórmulas no norte da Península, eventualmente relacionadas com a transumância, intercambio de matérias-primas ou outras, são fatores a ter em conta para uma leitura multifocal destas representações (Bueno Ramírez *et al.* 2010).

A evolução e dispersão destas peças necessita ainda duma cronologia “fina” que aclare as versões mais antigas das mais recentes. Para as primeiras, as referências proporcionadas por Breuil sobre a associação com megálitos, das estelas do Crato e da Esperança, a da Quinta do Counquinho, Moncorvo e Serra Boulhosa, juntam-se à descrita pelo casal Leisner sobre a posição da estela da Granja de Toniñuelo, à entrada do monumento, com o mesmo nome, e a recentemente documentada estela de barro, com a mesma forma que a do Crato, contudo pintada, no depósito datado da primeira metade do IIIº a.C. milénio do sepulcro de Montelirio, em Sevilha (Bueno Ramírez, Balbín Behrmanm, 1997; Bueno Ramírez *et al.* 2016; Breuil, 1917; Breuil, 1934; Vasconcelos; 1910).

Todas estas estelas refletem uma forma de representar figuras vestidas, com os mesmos toucados, colares, ornamentos, cinturões e por vezes armas, assim como corpos que tendem a ser globulares ou, como no caso de Rebolo, retangulares. As suas faces redondas ou ovais duplas, e os seus braços e mãos com um oco proeminente na zona central, também se repetem na maioria dos exemplos. No seu conjunto, reiteram códigos generalizados para a seleção de materiais e a execução das decorações. É,

portanto, um estilo totalmente identificável que, desde a nossa primeira proposta, foi totalmente consolidado com um crescente inventário de peças.

Contextualizar a estela do Rebolo entre os exemplares documentados não é difícil. Contudo, certamente a do Rebolo comporta características artísticas que a destaca da maioria dos outros exemplares, aproximando-a das peças com mais pormenores, como sejam a do Crato e da Granja de Toniñuelo, ambas em granito.

O seu fino trabalho em quartzito evidência o interesse expresso em obter um produto final de boa qualidade. Esperamos que o estudo com maior pormenor e detalhe, tanto da peça como do seu contexto material, reúna elementos que nos permitam desenvolver uma reflexão sobre a posição social de quem, ou quais, reuniram sob esta imagem única os restos dos seus antepassados, que posicionava os seus vínculos identitários nas terras interiores do ocidente peninsular.

Agradecimentos: Aos proprietários do Monte do Rebolo, Sr. António Oliveira e Dona Maria Oliveira, a amabilidade com que nos receberam e a sua disponibilidade para a divulgação científica desta estela.

Este trabalho foi realizado no âmbito dos projetos PGC2018-099405-B-I00 e do PIPA MFAIII.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO BASCH, M. (1966) – Las estelas decoradas del Suroeste. *Biblioteca Praehistórica Hispana*. vol. III. Madrid: CSIC, 215 p.
- ALMAGRO GORBEA, M. (1977) - El Bronce Final y el período orientalizante en Extremadura. *Bibliotheca Archaeologica Hispana*. vol. 14. Madrid: CSIC.
- BARROSO BERMEJO, R. (2020) - Imágenes antropomorfas de la Edad del Bronce y Hierro en la Península Ibérica. In Bueno, Soler (eds) *Ídolos: miradas milenarias: [Exposición, MARQ, enero-abril 2020, MAR, mayo-octubre 2020]*. Museo Arqueológico de Alicante-MARQ, p. 368-378
- BREUIL, H. (1917) — La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près de Arronches (Portalegre). *Terra Portuguesa*. Lisboa. 13-14 (fevereiro-março).
- BREUIL, H. (1934) — *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, I. Au nord du Tage. II. Bassin du Guadiana. Lagny sur Marne: Imprimerie de Lagny.

- BREUIL, H. (1940) — Quelques observations sur les peintures schématiques de la Péninsule Ibérique. *Congresso do Mundo Português*. I. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários.
- BUENO RAMIREZ, P. (1990) - Statue-menhirs et stèles anthropomorphes dans la Péninsule Iberique. *L'Anthropologie*. 94,1. Paris, p.85-110
- BUENO RAMIREZ, P. (1992) - Les plaques décorées alentejaines: approche de leur étude et analyse. *L'Anthropologie*. 96:2-3. Paris, p. 573-604
- BUENO RAMIREZ, P. (2010) — Ancestros e imágenes antropomorfas muebles en el ámbito del megalitismo occidental: las placas decoradas. In CACHO, C.; MAICAS, R.; MARTOS, J. A.; GALÁN, E. (coord). — *Ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional.
- BUENO RAMIREZ, P. (2020) - Placas decoradas en la Península Ibérica. Imágenes humanas entre la vida y la muerte. In *Ídolos: Miradas milenarias*. Museo Arqueológico de Alicante-MARQ, p. 203-216.
- BUENO RAMIREZ, P. (2021) - Bodies and identities from the Palaeolithic to the Neolithic in Europe. Iberian figurines. In P. Bueno Ramírez, J. Soler Díaz: *Mobile images of ancestral bodies: a millennium-long perspective from Iberia to Europe*. Zona Arqueológica. I. Madrid: Museo Arqueológico Regional.
- BUENO RAMIREZ, P.; BALBIN BEHRMANN, R. (1991) - La estela del Millarón y su relación con las representaciones antropomorfas megalíticas. *XX Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza, p.199-205
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. (1997) - Arte megalítico en sepulcros de falsa cúpula. A propósito del monumento de Granja de Toniñuelo. *Brigantium*. 10. La Coruña, p. 91-121.
- BUENO RAMIREZ, P.; BALBIN BEHRMANN, R. (2009) — Marcadores gráficos y territorios tradicionales en la Prehistoria de la Península Ibérica. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*. 19. Granada.
- BUENO RAMIREZ P., BARROSO R., BALBIN BEHRMANN R. (2004) - Construcciones megalíticas avanzadas de la cuenca interior del Tajo. El núcleo cacereño. *Spal*. 13. p. 83 -112.
- BUENO RAMIREZ, P.; BALBIN BEHRMANN, R. de; BARROSO BERMEJO, R. (2007) - Chronologie de l'art Mégalithique ibérique: C14 et contextes archéologiques. *L'Anthropologie*. III. Paris, p. 590-654.

- BUENO RAMIREZ, P.; BALBIN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R. (2005) - Hiérarchisation et métallurgie: statues armées dans la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie*. 109. Paris, p.577-640.
- BUENO RAMIREZ P., BARROSO R., BALBIN BEHRMANN R (2008) - The necropolis of Era de la Laguna, Santiago de Alcántara, Cáceres, in the context of the megalithism of the central region of the International Tagus. In P. Bueno-Ramírez, R. Barroso, R. de Balbín-Behrmann, (eds.). *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus Iberian Peninsula*. British Archaeological Reports International series 1765, Oxford, p. 41-59.
- BUENO RAMIREZ P., BARROSO R., BALBIN BEHRMANN R. (2011) - Identidades y estelas en el calcolítico peninsular. Memorias funerarias en la cuenca del Tajo. *Estelas e Estátuas-menires da Pré à Protohistória*, p. 37-62.
- BUENO RAMÍREZ, P., BARROSO BERMEJO, R., BALBÍN BEHRMANN, R. D., SALVADO, P. (2019) - Stone witnesses: armed stelae between the international Tagus and the Douro, Iberian peninsula. *SPAL*, 28 (2), p. 143-164.
- BUENO RAMIREZ P., BARROSO R., BALBIN BEHRMANN R., CARRERA F. (2006) - *Megalitos y marcadores gráficos en el Tajo Internacional. Santiago de Alcántara (Cáceres)*. Salamanca: Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.
- BUENO RAMIREZ, P., BALBIN BEHRMANN R., BARROSO, R., CARRERA. F., HUNT, M. A. (2016) - El arte y la plástica en el tholos de Montelirio. In: A. FERNANDEZ, L. GARCIA SANJUAN, M. DIAZ ZORITA (eds.). Montelirio. Un gran monumento megalítico de la Edad del Cobre. *Arqueología Monografías*. Sevilla: Junta de Andalucía, p. 365-403.
- BUENO RAMÍREZ, P, GONZALEZ CORDERO, A. (1995) - Nuevos datos para la contextualización arqueológica de estatuas-menhir y estelas antropomorfas en Extremadura. *Trabalhos de Antropología e Etonología*, 35,1. p.95-106.
- BUENO RAMÍREZ, P., SOLER DIAZ, J. (2021) - *Idolos. Olhares milenares. Estado da arte em Portugal*. Lisboa: MNA/INCM.
- CARDOSO, J.L. (2011) - La estela antropomorfa de Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova): su contextualización en el grupo de estelas diademadas de la Península Ibérica. *Complutum*. 22(1), p. 89-107.
- CARVALHO, P.S.; GOMES, L.F., FRANCISCO, J.P. (1999) - A estatua - menir do Alto da Escrita (Tabuaço, Viseu). *Estudos Pré-Históricos*. 7. Viseu, p. 251-256.
- CASTRO, L.; FERREIRA, O. (1960-1961) — As pinturas rupestres esquemáticas da serra dos Louções. *Conímbriga*. Coimbra. II-III.

- CERRILLO-CUENCA, E., BUENO-RAMÍREZ, P., BALBIN-BEHRMANN, R. de (2019 - “3D Mesh Tracings”: A protocol for the digital recording of prehistoric art. Its application at Almendres cromlech (Évora, Portugal). *Journal of Archaeological Science: Reports*. 25, p. 171-183.
- CORREIA, V. (1916) — Pinturas rupestres da Sra. da Esperança (Arronches). *Terra Portuguesa*. I. 5. Lisboa.
- CRUZ, D. J., SANTOS, A. (2011) - As estátuas-menires da serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu) no contexto da ocupação pré-histórica do Alto Paiva e da Beira Alta. *Estelas e Estátuas-menires: da Pré-à Proto-história. Actas das IV Jornadas Raianas (Sabugal, 2009)*. Sabugal, p. 117-142.
- CUADRADO DÍAZ, E. (1974) - El ídolo Estela de Riomalo. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. (2), p. 8-13.
- GONZÁLEZ CORDERO, A.; ALVARADO GONZALO, M. (1986) - La estela antropomorfa de Salvatierra de Santiago (Cáceres). *Studia Zamorensia*. 7. Zamora, p. 259-366.
- MOITAS, E.; OLIVEIRA, J.; OLIVEIRA, C. (2011) — Megalitismo no concelho de Arronches. In *3ª Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano*. 3. Lisboa: Ed. Colibri; Fronteira: Câmara Municipal.
- NUEVO, M.; MARTIN S.; OLIVEIRA, C.; OLIVEIRA, J. (2010) — In Situ Energy Dispersive X-Ray Fluorescence Analysis of Rock Art Pigments from the ‘Abrigo dos Gaivões’ and ‘Igreja dos Mouros’ Caves (Portugal). *X-Ray Spectrometry*. Wiley Online Library. 284
- OLIVA ALONSO, Diego (1983) - Una nueva estela antropomorfa del Bronce Final en la provincia de Sevilla. *Homenaje al Prof M. Almagro Basch*. 2. Madrid, p. 3-39.
- OLIVEIRA, J.; BAIRINHAS, A.; BALESTEROS, C. (1996) — Inventário dos vestígios arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede. *Ibn Maruán*. 6. Marvão.
- OLIVEIRA, J. (1998) — *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Lisboa: Ed. Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2003) — A arte rupestre no contexto megalítico norte-alentejano. *Sinais de Pedra*. Évora. Ed. Eletrónica.
- OLIVEIRA, C.; OLIVEIRA, J. (2008) — Percurso historiográfico do complexo de arte de Arronches. In *Taller Internacional de Arte Rupestre*, 3, Havana. Actas. Havana: Fundación Antonio Núñez Jiménez de la Naturaleza y el Hombre.

- OLIVEIRA, C.; BUENO-RAMIREZ, P.; JIMENEZ, J.; OLIVEIRA, J. (2012) — Pinturas esquemáticas en el Occidente de la Península Ibérica: las sierras del Tajo internacional y los nuevos hallazgos en Valencia de Alcántara. *Colóquio Internacional de Arqueología = Simposium Internacional de Arte Rupestre de Havana*, 3. Cuba: Instituto Cubano de Antropología de Cuba.
- OLIVEIRA, J.; OLIVEIRA, C. (2015) — A arte rupestre esquemática pintada no contexto megalítico da serra de S. Mamede. *Congresso do Neolítico Peninsular*. 5. Lisboa: UNIARQ. (Estudos & Memórias; 8).
- OLIVEIRA, J.; Oliveira, C. (2015a) — Trabalhos arqueológicos nos abrigos com arte rupestre da serra de S. Mamede. *Encontro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*. 7. Aroche: Ayuntamiento de Aroche.
- OLIVEIRA, J. (2016) — Cronologias y estratigrafías en el arte rupestre de la sierra de San Mamede (Portugal/España). *ARPI*. 04 Extra - Homenaje a Rodrigo de Balbin Behrmann. Madrid: Área de Prehistoria.
- OLIVEIRA, J. (2016) – O Menir do Patalou – Nisa - entre contextos e cronologias. *in Terra e Água Escolher Sementes Invocar a Deusa – Estudos de homenagem a Victor S. Gonçalves. Estudos e Memórias*. 9. Lisboa: CAUL.
- OLIVEIRA, J. (2020) — Problemas em torno de datas absolutas pré-históricas no Norte do Alentejo. *Arqueologia em Portugal 2020 — estado da questão*. Lisboa: AAP.
- OLIVEIRA, J. (2021) - Monólogos entre ídolos-placa e pinturas esquemáticas na Serra de S. Mamede – Portugal. *in BUENO RAMÍREZ, P., SOLER DIAZ, J. (eds). Ídolos. Olhares milenares. Estado da arte em Portugal*. Lisboa: MNA/INCM.
- RIVERA JIMÉNEZ, T., GARCÍA SANJUÁN, L., DÍAZ-GUARDAMINO, M., DONAIRE ROMERO, T., MORALES GONZÁLEZ, J. A., ROGERIO CANDELEDA, M.A., BERMEJO MELÉNDEZ, J., AGUILERA COLLADO, E. (2021) - The Cañaverál de León stela (Huelva, Spain). A monumental sculpture in a landscape of settlements and pathways. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 40. 103-251.
- ROCHA, L. (2021b) – Tributos aos deuses: Os Ídolos em contextos funerários da Pré-História Recente no Sul de Portugal. *in BUENO RAMÍREZ, P., SOLER DIAZ, J. (eds). Ídolos. Olhares. Milenares. O Estado da arte em Portugal*. Lisboa: MNA/INCM, p. 249-265.
- ROCHA, L. (2016) – Nouvelles [et anciennes] données sur l'art mégalithique en Alentejo. *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior Peninsular*. 4. UAH: Alcalá de Henares, p. 237-247.

- ROCHA, L. (2014) – Arte móvel megalítica no Alentejo Central (Portugal): algumas leituras possíveis. *III Simposium Internacional de Arte Rupestre de Havana*. Havana, p. 46-65.
- PESTANA, M. (1984) — Arte rupestre, do conjunto pictórico dos Louções ao da serra do Cavaleiro, agora descoberto. *A Cidade — Revista Cultural de Portalegre*. Portalegre. 3.
- PINTO, R. (1932) — O Abrigo pré-histórico de Valdejunco (Esperança). *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. 5:3. Porto.
- ROBB, J. (2009) - People of stone: stelae, personhood, and society in prehistoric Europe. *Journal of Archaeological Method and Theory*. 16 (3), p. 162-183.
- SAMPAIO, J. D. (2007) - A estela antropomórfica do Castro de Barrega (Borba da Montanha, Celorico de Basto, Braga). *Conimbriga*. 46. Coimbra: p.53-63
- SANCHES, M. J., TEIXEIRA, J., BARBOSA, H., PERPETUO, J. (2021) - Trespasando o tempo. Oculados e outras formas antropomorfas da Pré-história Recente do Norte de Portugal. in BUENO RAMÍREZ, P., SOLER DIAZ, J. (eds). *Ídolos. Olhares. Milenares. O Estado da arte em Portugal*. Lisboa: MNA/INCM.
- SANTOS JÚNIOR, J. (1940) - Arte rupestre. In *Congresso do Mundo Português*, 1, Lisboa. I. Lisboa: Comissão executiva dos Centenários.
- SEVILLANO SAN JOSÉ, M. C. (1974) - Un nuevo ídolo de la Edad del Bronce aparecido en Robledillo de Gata (Cáceres). *Zephyrus*. 25. p.145-150.
- SILVA, M. O. (2000) - Estátua-Menir de A-de-Moura (Santana de Azinha, Guarda). *Estudos Pré-Históricos*. 8. Viseu, p. 229-236.
- VASCONCELOS, J. L. de (1909) - Dólmens de Boulhosa (Alto Minho). *O Arqueólogo Português*. XIV. Lisboa, p. 294-296.
- VASCONCELOS, J. L. de (1910) - Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português. *O Arqueólogo Português*. XV. Lisboa, p. 31- 39.